

Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón Milão 17 de novembro de 2010

Texto de referência: L. Giussani, “É possível viver assim?”, Ed. Cia. Ilimitada, São Paulo 2008, pp. 317-327.

- Canto “Ballata dell’uomo vecchio”
- Canto “Who stood up for Stephen”

- Glória

Carrón: Hoje, começamos o capítulo sobre o sacrifício. Antes de mais nada, Dom Giussani faz uma premissa que ajuda a responder a algumas das perguntas que chegaram. Uma de vocês pergunta: “A coisa mais importante para mim, agora, é entender como participar de verdade da Escola de Comunidade, como devemos nos preparar para este momento de assembleia e como devemos viver este gesto para que seja realmente nosso e possível de propor a todos”. Na premissa, encontramos algumas sugestões, algumas indicações para este caminho. Primeira: “É preciso repetir as coisas e, mesmo repetindo, parece que a gente não entende”. Não é que a pessoa entende logo as coisas e, “repetindo-as [digo isso para que ninguém se sinta desanimado] parece que a gente entende menos, que é uma forma de impaciência. [...] Mas se a coisa é verdadeira e a pessoa resiste e repete e fixa os olhos, a um certo ponto é como o alvorecer, e ela começa a entender”. Cada um deve decidir se leva a sério essa sugestão de Dom Giussani ou não, porque nós achamos que podemos entender logo, sem repetir, fazendo com que as coisas se tornem imediatamente nossas; e depois, inevitavelmente, a pessoa desanima. Porém, é repetindo – trata-se de uma repetição que é como tomar nas mãos a hipótese que a Escola de Comunidade oferece para nos inserir na realidade – que a um certo momento começamos a entrever a aurora e, então, “o triunfo da verdade está no fundo do coração”. A pessoa entende isso porque ela mesma se dá conta, no fundo coração. E, na página seguinte, ele diz: “A gente gostaria de ajudar o outro a entender logo, [...] gostaria que o outro não fizesse os esforços que deve fazer”, como o pai e a mãe que olhando para o filho pequeno, gostariam que percorresse o caminho sem esforço. Olhem que não devemos passar por cima dessas coisas, porque é isso que pensamos, para nós e para os outros, e vimos isso nos últimos encontros. Porque “gostariam que o filho não precisasse dar todos os passos que eles deram, eles sentem muito que ele precise dá-los”, mas se tornará deles, dos filhos, apenas se fizerem este percurso. Para que aquilo que os pais aprenderam se torne dos filhos, é preciso que estes últimos façam as mesmas idênticas experiências, porque não é algo mecânico. “Ao invés, cada um faz aquilo que pode [...], talvez faça aquilo que Deus lhe permite, considerando a disponibilidade da sua liberdade [e da liberdade do outro, porque podemos nos indispor com o outro que diz não]”. Se isso acontece em uma situação qualquer, tentemos nos imaginar diante do sacrifício como algo repugnante, que achamos que é injusto! “E um pai e uma mãe, pensando nisto [tão repugnante] diriam: ‘Como eu gostaria de sofrer no seu lugar’”. E olhem o que mais ele diz: “Não, aquilo que é tarefa sua, é sua, ou seja, aquilo que Deus quer de você é você quem deve fazer”. Não tem história, porque não somos nós que decidimos o caminho pelo qual o Mistério leva o outro ao destino. Nós é que devemos nos submeter à modalidade com a qual o Mistério leva ao destino, nós e os outros: uma obediência. Mas nós achamos que amamos tentando poupar o outro, como se Deus não gostasse da pessoa tanto quanto nós, porque julgamos ser aqueles que realmente amam o outro: somos tão presunçosos que pensamos que amamos porque queremos poupar o outro de seu caminho, enquanto na verdade o Mistério não o ama tanto assim porque não o poupa. Esta é a conclusão que não confessamos a nós mesmos, mas está subentendida. Isso não quer dizer que não podemos colaborar com aquilo que nos é pedido. Ao contrário, é impossível não querer colaborar, não querer ajudar o próximo a qualquer custo. Mas significa colaborar e ajudar a percorrer a modalidade com a qual o Mistério o conduz ao destino, que é segundo o desígnio de um Outro.

Colocação: *Não consigo esquecer um fato que vi acontecer na Escola de Comunidade. O que meus olhos viram e meus ouvidos ouviram foi um homem que, agredido pela realidade, permaneceu firme, não recuou, não virou o rosto e ficou ali com toda a sua razão e toda a sua afeição diante da liberdade do outro. O que vi é quem é o homem que se deixa investir por Cristo. Voltando para casa naquela noite com um amigo, comentávamos: “Eu não teria sido capaz de agir daquela maneira diante da última colocação”. No dia seguinte, um dia como outro qualquer, com as obrigações do trabalho, compras, filhos, jantar, não conseguia tirar da cabeça aquilo que tinha acontecido, sobretudo nos momentos em que a realidade me agredia: problemas no trabalho, os filhos que não escutam. No fim do dia, percebi que tinha sido um dia como tantos outros, mas absolutamente diferente porque não conseguia esquecer aquele fato. Não conseguia deixar de tê-lo diante de mim como pedido, como súplica, como possibilidade paradigmática para mim de como estar diante da vida. Preciso ser sincera, não consegui ser mais gentil com as minhas colegas, não consegui deixar de gritar com meus filhos e ninguém me disse: “Como você mudou!”. Mas a coisa estranha é que eu me sinto diferente, por exemplo, não consigo mais reclamar das coisas que não dão certo. A reclamação não chega à boca e nem mesmo consigo pensar nela. Algumas vezes durante aquele dia – e, na verdade, como sempre – também aconteceu uma pequena coisa que tenho dificuldade em lidar, mas agora consigo estar diante dela com menos ansiedade do que antes porque, de alguma maneira, re-acontece o fato que deu origem a tudo isso. Acho que estou começando a entender aquilo que você dizia sobre João e André que, depois de terem estado com Jesus, voltam para suas casas e não conseguem esquecer aquele rosto e as coisas que aconteceram enquanto estavam com Ele. Dois aspectos, ainda, me surpreenderam: que tudo aconteceu no dia que você nos chamou a atenção sobre o valor do fato do qual tudo parte. E a segunda coisa é que falando sobre essas coisas com os amigos, percebi que nenhum deles tinha percebido como eu aquilo que tinha acontecido. Citei esses dois aspectos como sinal de que se trata de um diálogo pessoal entre o Mistério e eu. E, como o cego de nascença, eu digo: “Não sei por que comigo e não sei por que naquela noite, mas eu não via e agora vejo”.*

Carrón: Mais do que pelo fato que o desencadeou e que não vem ao caso agora, quis que você lesse isso por causa daquilo que você disse no final. Porque quando dizemos que o cristianismo é um acontecimento, estamos falando disso, de um fato que nos torna diferentes, não necessariamente mais coerentes. Não que necessariamente no dia seguinte consigo não gritar com os filhos ou ser mais gentil com os colegas, mas, mesmo que eu não consiga, isso não tira de mim a diversidade que vejo. Um fato que me investiu: o cristianismo é este acontecimento e não uma coerência, não é um moralismo por meio do qual magicamente depois de amanhã eu consigo fazer algo, mas é uma diversidade que se introduz, como se introduziu em Zaqueu antes que descesse da árvore. E é possível ver pequenos sinais: menos ansiedade, menos lamentações. Parece nada, mas é o sinal da mudança que acontece, não porque eu tenha melhorado, mas por causa daquilo que aconteceu. E isso é o que queríamos dizer sobre o valor do fato. Apesar disso, podem existir pessoas, os amigos que não entenderam, mas isso não elimina nada. A cada um o Senhor dá a graça como quer e quando quer, também segundo a nossa disponibilidade. Mas o que descreve toda a potência do fato é esta coisa: que me investe tão fortemente que independente da constatação de eu estar melhor ou não, isso não faz com que eu possa eliminá-lo. A partir de então tudo muda: “Não sei por que comigo e não sei por que naquela noite, mas eu não via e agora vejo”. Esta colocação introduz bem o capítulo que começamos agora, porque o sacrifício, diz Dom Giussani, é como o ponto de confluência de tudo: porque nem fé, nem esperança, nem amor, nem beleza podem existir sem sacrifício. Aqui está o ponto de confluência de tudo aquilo que precisamos entender porque, pelas perguntas que vocês me fazem (leio para vocês uma entre tantas), vê-se que onde temos mais dificuldade é exatamente nisso: “Eu desejo, e peço a você e ao Senhor que me ajudem a entender a passagem que diz que o sacrifício se torna valor, porque tentei repetir essas palavras, mas percebo que tenho um pouco de medo delas como se fossem exageradas, e um pouco como se tivesse medo de pedir muito”. Outra pessoa diz: “Por causa da minha doença, o sacrifício sempre esteve presente na minha vida e é incompreensível, é bestial, num nível alucinante, algo que é carnal. Quando Dom

Gius fala que “vale a pena” me identifico muito, porque recentemente fiz exatamente esta pergunta diante de escolhas difíceis que tinha que fazer, e exatamente com essas palavras. Perguntei a mim mesma: o que me basta na vida? E a resposta foi: nada. Nada me basta. As únicas vezes em que me senti plena e feliz, mesmo em situações dolorosas, foi quando tive a certeza de que Ele existia, quando eu O senti presente. E, por isso, o motivo pelo qual faço uma escolha é o de conseguir vê-Lo mais. Porém, quando li o terceiro ponto, ele me pareceu inconcebível, não consigo imaginar viver assim, mas ao mesmo tempo não posso ignorar aquilo que Dom Gius me diz porque aquilo que me disse antes, e o que sempre me disse, é tão verdadeiro que não posso deixar de levar em consideração. E a primeira pergunta que me veio foi: como fazer para que seja assim também para mim? Mas, logo depois veio outra pergunta: por que eu deveria querer uma coisa assim? Porque deveria querer o sacrifício como ponto-chave da minha vida? Por que eu deveria querer “influir sobre as pessoas que vivem no Japão” cuspiendo sangue? Pois, na minha vida, já cuspi sangue no verdadeiro sentido da palavra e não quero mais viver algo parecido. Imagine pretender que estar doente seja o ponto-chave da minha vida! Sinceramente, sou má, e não vejo porque deveria cuspir sangue para salvar alguém que nem sei se existe”. Estamos diante de uma verdadeira dificuldade, à qual não podemos responder “explicando” as coisas, pois não devemos convencer ninguém disso. A primeira questão é redescobrir em nós – para nos ajudarmos a entrar nessas coisas segundo aquilo que Dom Gius nos diz – quando fizemos experiência, mesmo que inicial (neste momento não é importante o nível), de que o sacrifício tornou-se interessante como simples experiência.

Colocação: *Depois de todo esse caminho que fizemos nos últimos meses é como se este capítulo do sacrifício tivesse colocado em discussão a fé, todo o percurso que fiz. Fiquei muito impressionado com a introdução que Dom Giussani faz nas duas primeiras páginas do capítulo, sua insistência de que o sacrifício é a coisa menos correspondente e mais repugnante. E eu disse: “É verdade!”, mas quem alguma vez pensa em fazer propositalmente um sacrifício? Ninguém. Então, eu fiz uma ligação com o final da Assembleia Internacional de Responsáveis: “Não devemos ter medo do sacrifício porque se eu estimo aquilo a que pertença, se eu pertença, isso significa que de alguma forma devo abandonar a mim mesmo”. E, também aqui, eu disse: “É verdade, concordo plenamente!”. Depois, uma noite me encontrei com amigos e conversamos sobre isso. Todos estávamos de acordo e ninguém tinha nenhuma objeção, até que uma questão veio à tona: “Está certo, no entanto o sacrifício vale a pena se tem um objetivo, se sei qual é a minha conveniência e se há um retorno”. Eu disse: “É verdade”. E, então, naquele momento – como você dizia – fui obrigado a voltar ao momento da minha vida em que o sacrifício foi interessante para mim. E não pude deixar de dizer que o sacrifício foi interessante para mim todas as vezes que me lancei na vida apaixonado (uso esta palavra), apaixonado pela vida, apaixonado pela companhia, apaixonado pelo trabalho, apaixonado pela mulher, apaixonado por tudo. E então, pensei que nós, no fim, sempre evitamos o sacrifício porque é como se não estivéssemos apaixonados.*

Colocação: *O que tenho a dizer é em relação à primeira colocação. Eu não acharia ruim se fechássemos o livro aqui, pulando esse trecho, mas é inevitável e, então, me coloquei diante dele.*

Carrón: Nós achamos que o fato de pularmos o capítulo nos faz pular o sacrifício da vida! Esse é o nosso problema.

Colocação: *Também tenho uma pergunta parecida: hoje, quando faço um sacrifício verdadeiro, grande, eu não consigo deixar de pressentir já um “a mais”. Eu faço o sacrifício porque de certa forma já estou ganhando algo, já estou entendendo que ele vale a pena e já estou usufruindo deste “vale a pena”. Senão, não sei se o faria, ao contrário, hoje eu não faço um sacrifício em que não me pareça já experimentar alguma coisa.*

Carrón: Nós começamos a perceber, mesmo que inicialmente, que o sacrifício é interessante quando temos um objetivo ou quando amamos algo. O sacrifício começa a nos interessar se nós estamos apaixonados ou se o fazemos por um “a mais” que o torne interessante. E toda a vida depende de quanto o fazer um sacrifício tem um objetivo, uma razão que o torne útil, pela qual vale a pena fazê-lo. Nesse sentido, é aqui que chegamos ao ponto de confluência de tudo aquilo que

dissemos até aqui porque no sacrifício se verifica se aquilo que dissemos sobre a fé, isto é, sobre encontrar uma Presença tão correspondente que vale mais que a vida e que desperta a esperança, se a caridade de Alguém que se dobra sobre nós e que sob a pressão desta comoção nos torna disponíveis, é real. Preparando a Escola de Comunidade lembrei-me de uma frase de Malraux que Dom Giussani sempre citava: “Não há ideal ao qual possamos nos sacrificar, porque de todos nós conhecemos a mentira, nós que não sabemos o que é a verdade”. O sacrifício não tem razão de ser se nós, no fundo no fundo, pensamos que tudo é mentira. E se nós não estamos disponíveis a nenhum sacrifício é porque não encontramos nada que seja tão verdadeiro a ponto de nos permitir fazê-lo. Este ponto é a síntese da verdade de Cristo: se Ele introduz na vida algo tão interessante a ponto de nos tornarmos disponíveis e apaixonados e tornar tudo desejável, até aquilo que aos nossos olhos parece repugnante. Então a questão, amigos, é como testemunhamos uns aos outros que é assim, para nos ajudarmos a não ter medo do sacrifício e podermos estar disponíveis a isso.

Carrón: Quando o sacrifício começou a ser interessante para você?

Colocação: *Há alguns anos, estava num estado tal que, sem Deus e sem nenhuma afeição constitutiva, acordava todas as manhãs, arrumava meus filhos para irem à escola, gritando o meu grito desesperado com os joelhos dobrados: “Não é possível viver assim, não quero mais viver assim!”. Mas, a certo ponto, quando eu já tinha emagrecido muito e perdido as forças para chorar e para gritar ao céu, o Mistério se compadeceu da minha fragilidade e do meu horror de viver e começou a me dar a graça de abrir meus olhos e meu coração. Não posso contar toda a história em detalhes porque é muito comprida, muito bonita e inacreditável. O que quero contar é que recebi um livro de presente de um amigo (convidando-me para a Escola de Comunidade na quarta-feira seguinte). Senti o coração bater forte, o título era: “É possível viver assim?”. Mas, como, se continuo a gritar que não é possível viver assim? Devorei o livro em duas noites, indo dormir às cinco da manhã. Digo o que aconteceu depois: todos os dias eu me deparo com um cotidiano realmente cruel e inaceitável, mas que a partir daquele momento, ao contrário, pareceu que toda a realidade coincidia e correspondia com a minha humanidade. Tudo, entende? Realmente, exatamente tudo, até o inenarrável, cada vírgula, cada ponto, cada carta que o beatíssimo Dom Giussani tinha escrito era para mim, atingia a minha carne. Nos momentos mais duros eu repetia, e repito, aos meus amigos: “Estou no meio de um divisor de águas”. No trabalho achavam que eu era louca, para muitos eu delirava, mas, por sorte, não para todos. Era a minha vida que tinha começado a pulsar assim, continuamente. Era o meu sacrifício e a minha dificuldade constante que enchiam de sentido, de plenitude e de graça cada instante e cada coisa. Sempre dizendo: “Sim, Jesus, realmente és Tu”, Ele é onipresente, está vivo, é carne. Por exemplo, voltei a abraçar meu filho (havia muito tempo que eu não fazia mais isso) com uma certeza boa em relação a ele, tentando olhá-lo do mesmo modo como Ele estava me olhando. Garanto que para mim aconteceu o “a mais do a mais do a mais”: há um pequeno ponto no horizonte que se torna cada vez maior e cada vez mais próximo.*

Carrón: Obrigado, amiga. O Senhor pode nos fazer passar por algo incompreensível para nós para fazer acontecer isso, essa mudança que todos nós gostaríamos de experimentar lendo cada linha do livro.

Colocação: *Sou musicista e venho da Umbria. O meu sacrifício é estar, por questões de trabalho, sempre longe da minha família. Quando volto para casa, eu e minha mulher tentamos julgar juntos as coisas que acontecem depois da Escola de Comunidade. Concretamente: entender o sacrifício da distância, para nós, é colocar em pauta o que quer dizer amar, isto é, que o outro tem um destino. Sacrifício, de fato, vem de sacrum facere, tornar sagradas todas as coisas, portanto desejar conhecer-se cada vez mais, não dando nada por óbvio. No relacionamento com os filhos, o sacrifício é olhá-los a partir de seu destino, como Dom Giussani nos ensinou, portanto, aceitando a liberdade deles. Quero ainda acrescentar uma coisa. A minha experiência é maravilhosa porque trabalho em uma orquestra de música clássica, portanto faço continuamente a experiência da beleza. Também sou professor do meu instrumento, a trompa. No relacionamento com meus alunos,*

o problema não é que eles se tornem os melhores do mundo, mas que encontrem uma resposta, uma satisfação no estudo redescobrando sua humanidade através da música. Quero contar, ainda, dois fatos recentes importantes: no dia 15 de outubro, venci um concurso importante, e no dia 28 de outubro meu irmão teve um acidente com a moto (quase morreu, ficou uma semana na UTI por causa de uma lesão grave na aorta). Para mim, abriram-se duas opções: esses dois casos foram sorte e azar ou a realidade é sinal? Para mim, isso significa que preciso decidir todos os dias se Cristo ressuscitou ou não. Para mim, sim, ressuscitou, digo que sim. Inclusive porque no dia 15 de outubro é aniversário de nascimento de Dom Giussani.

Carrón: Você não decide nada. Você reconhece ou não, não é você que decide, com a sua permissão!

Colocação: *Venci um concurso em Milão no dia do aniversário de Dom Gius. E isto é um fato. Depois deste acidente, meu irmão se converteu: estava para morrer e embora não fosse muito simpaticante do cristianismo, suspirou: “Senhor, perdoa os meus pecados”, e depois decidiu fazer uma peregrinação de agradecimento. E isso também é outro fato.*

Carrón: É suficiente. Você explica bem o que o sacrifício tem a ver com a beleza, porque isso é o que nos interessa porque ali se vê bem o relacionamento: quando o sacrifício se torna verdadeiramente interessante, porque para tocar em uma orquestra e para que cada um não caminhe sozinho é preciso...

Colocação: *Seguir alguém...*

Carrón: Seguir alguém: é preciso um sacrifício. Mas nesse caso se vê como o sacrifício se torna interessante exatamente por causa da beleza, tanto é verdade que não podemos voltar atrás em relação a esta beleza. Isso é algo que nenhum de nós pode eliminar. Fico pensando em quando cantamos juntos: as pessoas pensam que nós fazemos um sacrifício, mas para nós não é algo custoso se não deixamos que cada um faça sozinho. Pelo contrário, é um ponto sem volta desta beleza. Obrigado.

Carrón: Padre Aldo diga-nos algo sobre quando o sacrifício tornou-se interessante para você, porque você acompanha pessoalmente as dificuldades de muitas pessoas.

Padre Aldo: *Eu olho para a experiência que você vive, sobretudo nessas últimas semanas, e nos encontramos com os amigos exatamente para nos perguntarmos sobre isso. O sacrifício, que é a condição para o gosto e a beleza da vida, tornou-se interessante seguindo você, quando percebemos que é a modalidade com a qual Cristo entra em nossa vida. Nós trabalhamos (digo nós porque somos um só corpo), e percebemos que o sacrifício é interessante porque existe em cada um de nós uma familiaridade com Cristo. Você nos desafiou, nos convidou à conversão. “Eu te amei com um amor eterno”: isso se torna a razão da vida e este amor eterno se chama Cristo. Partindo daquela cruz, o sacrifício não apenas se torna interessante, mas se torna uma condição plena de letícia. Este é o primeiro ponto. Eu me mudei do meu país porque amava alguém, mas isso não é suficiente porque tudo termina, depois fica a tristeza. E diante de tantas dificuldades, torna-se ainda mais aguda a urgência de nos encontrarmos para dizer: “Quem é Tu, ó Cristo, para nós?”. O problema não é o sacrifício, mas é quem é Cristo para mim. Porque se Cristo é tudo para mim, então nasce uma segunda coisa que causou uma revolução, literalmente uma revolução quando Giussani fala da crux fidelis inter omnes, diz que o sacrifício de Jesus é o grande valor que salva o mundo em toda a sua miséria da morte. E participar disso com Ele aceitando o sacrifício na modalidade que Ele estabelece é o nosso valor. Giussani chega a dizer que o Senhor faz isto, por exemplo, permitindo que eu tenha uma doença! Isto causou uma revolução! Porque sempre pensei que a doença fosse um castigo, que a doença fosse algo ruim. Mas Giussani diz que é um dom do Senhor! E eu vejo isso na minha clínica, vejo isso em mim pelo que me acontece todos os dias... Então, se percebemos esta coisa, o lamento desaparece. Não só isso, mas entendemos que tudo é dom porque tudo nos leva a Cristo. Porque, para mim, aquilo que interessa não é o quanto eu ou meus doentes vivem: o que me interessa é Cristo. Num encontro de três dias, nos perguntamos: para nós, a realidade é fonte de preocupação ou de provocação? Porque percebíamos o risco de uma tristeza, de um lamento, e logo sentimos a exigência de entender novamente o que quer dizer*

que a realidade é provocação. A realidade significa todas as coisas, significa a doença, significa tudo, a maneira injusta com a qual sou tratado, os amigos que me traem, o fato de eu precisar sacrificar um amor e ir embora (para mim foi isso que aconteceu, na certeza de que neste caminho se realiza a plenitude). Por isso, aquilo que vejo hoje na minha vida é que o sacrifício é a condição para a plenitude porque se eu gosto de uma menina, é inevitável que ame a distância, porque se eu quero ler um livro, não o penduro nos meus olhos, o mantenho distante. E, assim, todas as coisas. Essa é a luta de todos os dias entre a posse de uma coisa e a afirmação de um acontecimento. Mas há aquele “a mais”: tudo aquilo que acontece é um dom, é um dom maravilhoso, até o câncer (e sobre isso, são milhares as experiências dos meus doentes), até um esgotamento é uma ocasião para reconhecer o gesto de amor de Cristo. É ele que fala com você e eu experimentei isso na vida porque a partir destas coisas floresceu não só a minha vida, mas floresceu tudo aquilo que existe ali, inclusive nosso continente latino-americano.

Carrón: Obrigado! Parece que com isso podemos entrar no mistério do sacrifício, dessa coisa que nos parece repugnante. “O problema não é o sacrificio, mas quem é Cristo para mim”, nos diz padre Aldo. É o problema da fé, como dizíamos antes. Nesse sentido, a questão do sacrifício é a síntese do percurso que fizemos: até que ponto o percurso foi uma experiência na qual Cristo entrou com tal potência na vida a ponto de torná-la fascinante e, então, tudo o que vem d’Ele ser uma ocasião, uma oportunidade para um relacionamento? Tudo me leva a Cristo, tudo é uma provocação. Começa o tempo da verificação. Para que o testemunho que ele nos dá se torne nosso, cada um deve verificá-lo, senão não se tornará nosso. É preciso – como dizemos sempre – a nossa liberdade. Assim como não somos nós que decidimos ficar doentes, ter uma desilusão ou sofrer uma injustiça, a vida nos oferece muitíssimas ocasiões para descobrir mais o que preenche a vida. Somos livres de todas as condições. Por isso, não é possível fazer a verificação em outro ponto que não seja a realidade. Uma coisa é ver Cristo vencer nos nossos pensamentos e outra coisa é vê-lo vencer na realidade. A vitória na realidade gera a fé, isto é, o apego a Cristo, a certeza de que Cristo é tudo, que Cristo é o significado, o ponto de virada de tudo. Isso não é um discurso. Ou se torna experiência, ou nós repetimos essas coisas, mas não acreditamos e, por isso, no fim continuamos como que querendo nos poupar de tudo o que podemos, evitando as coisas. E, quando não podemos evitá-las, nos rebelamos. Aproveitemos estas semanas para ver se, naquilo que o Senhor nos faz atravessar (pequeno ou grande, não é preciso sempre algo excepcional), inserir esta hipótese muda a nossa vida. Se a aceitação da condição do sacrifício torna-se fonte de alegria, como dizia agora padre Aldo.

AVISOS:

* Na Escola de Comunidade continuaremos com a segunda parte do capítulo e a assembleia.

* Leio o comunicado que fizemos para domingo, dia 21/11:

Comunhão e Libertação adere ao apelo dos Bispos italianos para rezar no domingo, dia 21 de novembro, pelos cristãos do Iraque “que sofrem a tremenda prova do testemunho sangrento da fé”. (Comunicado final da Assembleia CEI, 11 de novembro de 2010).

O Movimento convida todos os seus membros para participarem da missa pelas intenções de Bento XVI, que no dia seguinte ao gravíssimo atentado na catedral sírio-católica de Bagdá que causou dezenas de mortes e feridos, disse: “Rezo pelas vítimas desta violência absurda, tanto mais cruel porque atingiu pessoas desarmadas, reunidas na casa de Deus, que é casa de amor e de reconciliação. Exprimo também minha afetuosa proximidade à comunidade cristã, novamente atingida, e encorajo a todos os pastores e fieis serem fortes e resistentes na esperança. Diante dos ferozes episódios de violência que continuam a dilacerar as populações do Oriente Médio, quero enfim renovar meu amargo apelo pela paz: ela é dom de Deus, mas é também resultado dos esforços dos homens de boa vontade, das instituições nacionais e internacionais. Que todos unam suas forças para que termine hoje a violência!” (*Angelus*, 1º de novembro de 2010).

Dirigindo-se a todos os membros de Comunhão e Libertação, padre Julián Carrón disse que “a participação nas missas dominicais pelas intenções do Papa e dos Bispos é um gesto de comunhão real e de caridade porque sentimos como nossos amigos os cristãos do Iraque, mesmo que não o conheçamos diretamente”.

Como diz Dom Giussani, “se o sacrifício é aceitar as circunstâncias da vida, da forma como acontecem – porque nos tornam correspondentes, participantes da morte de Cristo –, então o sacrifício se torna o ponto-chave de toda a vida [...], mas também o ponto-chave para entender toda a história do homem. Toda a história do homem depende daquele homem morto na cruz, e eu posso influir sobre a história do homem – posso influir sobre as pessoas que vivem no Japão agora, sobre as pessoas que estão em perigo no mar agora. Posso intervir para ajudar a dor das mulheres que perdem os filhos agora, neste momento –, se aceito o sacrifício que este momento me impõe”. (L. Giussani, *É possível viver assim?*, Companhia Ilimitada, p. 324).

Por esta razão, acrescentou Carrón, “se um gesto de oração pode influir na mudança das pessoas no Japão, pode mudar algo também no Iraque. O sacrifício que fazemos pelos cristãos iraquianos e a oração de domingo são um gesto com o qual invocamos, imploramos a Deus a proteção para eles”.
Assessoria de Imprensa de CL

* Saiu o cartaz de Natal, com a imagem da *Natividade* (1960) de W. Congdom. O texto é este:

Para nós, Deus não é uma hipótese distante, não é um desconhecido que se retirou depois do “big-bang”. Deus mostrou-Se em Jesus Cristo. No rosto de Jesus Cristo, vemos o rosto de Deus. Nas suas palavras, ouvimos o próprio Deus falar conosco. (*Bento XVI*)

João e André tinham fé, porque tinham certeza de uma Presença experimentável: quando estavam lá [...] sentados na sua casa, aquela noite, olhando-O falar, era uma certeza em uma Presença experimentável de uma coisa excepcional, do divino numa Presença experimentável. [...]

Em vez d’Ele com os cabelos ao vento, em vez de olhá-Lo falar com a boca que se abre e se fecha, Ele chega até você através das nossas presenças, que somos como [...] a pele frágil, as máscaras frágeis de algo potente que é Ele e que está dentro. (*Luigi Giussani*)

Parece que esta é a maior contribuição que podemos dar aos nossos amigos.

Com o Cartaz, queremos exprimir o conteúdo do nosso caminho, hoje. Por isso lê-lo, expô-lo, tê-lo na mente, repetir estas frases, usá-lo, é uma ocasião para comunicar a todos com mais consciência a experiência que fazemos, isto é, o juízo – sem o qual não há cristianismo –, o olhar sobre a realidade que nós carregamos. Portanto, deixá-lo entrar em nós, percebê-lo nos olhares outros e comunicá-lo é deixar que este olhar se torne, através da nossa frágil pele e de nossas frágeis máscaras, este olhar hoje. E esta também é uma possibilidade para verificar se a experiência que vivemos nos torna livres a ponto de nós mesmos dizermos isso em nossa realidade, de levá-lo aos lugares onde a nossa vida se joga, para que este olhar que nós tivemos a graça de reconhecer e de receber possa chegar a todos, a todos aqueles que estão em nossos ambientes.

- *Veni Sancte Spiritus*